



Comunidades de autorretratos no Flickr¹

Camila Leite de Araujo²
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre alguns conceitos que norteiam o autorretrato digital em comunidades virtuais, tais como o *Flickr*, espaço em que os álbuns virtuais se apresentam como uma memória coletiva de compartilhamento de afetos e reflexões cotidianas desses sujeitos. Onde a tecnologia digital mais do que uma reprodução ao infinito, possibilita uma variação ao infinito, Manovich (2003), a qual reflete a condição de um sujeito que está constantemente se construindo e, ao mesmo tempo, a uma nova estética e visualidade.

PALAVRAS-CHAVE: autorretrato; redes virtuais; identidade; fotografia digital.

1. Introdução

Esse artigo objetiva iniciar algumas das discussões referentes ao processo de criação e circulação de autorretratos em comunidades virtuais com o objetivo de identificar e analisar as mudanças advindas da fotografia digital, mediante as particularidades da sua prática e a forma como sua narrativa é construída no contexto das mídias digitais com vista a representar o sujeito. Para Manovich (2003), o digital mais do que a reprodução ao infinito, possibilita uma variação ao infinito, a qual reflete a condição de um sujeito líquido (BAUMAN, 2007) e, ao mesmo tempo, uma nova estética e visualidade.

Nesta, a construção imagética não termina no ato fotográfico, mas continua numa pós-produção digital. A digitalização das práticas comunicativas e representacionais tem acarretado mudanças sociais, culturais e tecnológicas. Novas questões inseridas pelo digital transformam o modo de nos relacionarmos com os conteúdos, produção e distribuição das imagens fotográficas amadoras.

Assim, a idéia inicial desse artigo recai sobre essa nova imagem e as estratégias narrativas no campo da autorrepresentação em comunidades virtuais³. Ou seja, pretendemos contribuir com reflexões e questionamentos a respeito da estratégia

¹ Trabalho submetido ao DT4 de Comunicação Audiovisual no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Doutoranda do curso de Comunicação da UFPE, bolsista Capes D/S, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Teoria da comunicação e da imagem pela UFC.

³ Apesar pretendemos fazer essa reflexão contextualizando a prática do autorretrato na especificidade de mais comunidades virtuais de destaque para repasses pessoais e compartilhamento de afetos, nesse artigo apenas dos deteremos ao Flickr,



narrativa da imagem digital que o sujeito passou a elaborar de si e a usar para representar-lo socialmente no mundo virtual.

De maneira geral, a dificuldade em nos aceitarmos finitos e submissos ao desaparecimento sempre nos acompanhou. Contudo, na contemporaneidade, onde tudo parece constante efemeridade, nada mais dura, ou pelo menos nada é feito com o intuito de durar. A fotografia passa a ser essencialmente uma prótese de extensão dos sentidos e subjetividade, permitindo a valorização de um acontecimento presente. Tornando-se um instrumento protético que permite a visualização e vivência do presente.

A acessibilidade dessas imagens pela circularização na rede virtual, acentuada pela rápida disseminação dos repasses pessoais, coloca a fotografia como idioma preferido nas práticas de comunicação mediada. Com base nesse contexto, compreendemos que na contemporaneidade surge um intenso movimento de voltar a câmera para si. Este fato não ocorre por acaso, já que a imagem e, sobretudo, a autoimagem, vem atravessando momentos de grandes questionamentos e constantes mudanças.

Ao veicular coletivamente o autorretrato do sujeito, as fotografias expostas publicamente em redes virtuais remontam a uma autobiografia, a uma narrativa e visualidade do “eu”. Portanto, as imagens passam a ser utilizadas como ferramenta autoidentitária. Nesse processo de modelação da própria identidade que os sujeitos passaram a experimentar, a fotografia representa mais um instrumento de comprovação de vivências, acompanhando o desenvolvimento da vida cotidiana e configurando-se como a linguagem essencial das histórias pessoais.

Este processo iniciou-se no Renascimento, período marcado pelo surgimento dos autorretratos e do desenvolvimento das mais diversas formas de expressão e linguagens de ênfase autobiográfica, isto é, o indivíduo torna-se o centro das preocupações e reflexões sociais. Assim, as identidades e subjetividades na Modernidade são marcadas pelas “narrativas do eu” e pela valorização de uma “vida interior”.

Mas como o mutável sujeito contemporâneo se relaciona com sua própria imagem quando todos os dias se vê de forma diferente? Como os processos de criação digital influenciam na narrativa da busca da autorrepresentação? E que imagem é essa e quais suas características estéticas? Todos esses questionamentos levantam importantes discussões sobre o sujeito contemporâneo, a representação imagética e a comunicação virtual. Aqui pretendemos levantar algumas possibilidades de respostas a essas



discussões com a finalidade de compreender melhor essa imagem, suas características visuais e as possibilidades de mediação entre sujeito e representação.

2. Autorretrato e a narrativa do sujeito

Consoante propõe Bauman (2001), para solidificarmos um pouco nossa condição de indivíduos de uma Modernidade Líquida, necessitamos constantemente buscar a autocompreensão. Ressalta, assim, a superioridade das narrativas não lineares em face dos discursos sociológicos que sugerem uma resposta imediata e que implicam um fim de discussão, fechamento.

Nesse contexto, a autoconstrução das identidades pela fotografia digital não reduz opções e sentidos, não promete uma solução simples ou rápida para uma busca da complexidade. Os autorretratos contemporâneos já não mais fingem impor “uma camisa – de – força” que definitivamente não serve para as subjetividades dos sujeitos contemporâneos.

Nessa sociedade protética cada indivíduo se define e se constrói, como exemplificado, por meio das imagens pessoais. Muitas vezes, o fotografado se autofotografa e faz a pós-produção dessas fotos em um exercício de experimentação no qual se define e se monta. Esse processo não se dá *a priori*, mas em retrocesso. Dessa forma, segundo Lury (1998), a potência pode ser vista como uma forma específica do tempo e do espaço da capacidade.

O hibridismo de suportes e as combinações de técnicas fortalecem a tendência de eliminar as fronteiras entre as diferentes formas de expressão, produção e circulação de imagens. Surge, então, uma consequência: a progressiva dificuldade em catalogar as manifestações das artes visuais; particularmente fotografia, além de articular uma nomenclatura para toda essa produção contemporânea. (FERNANDES JÚNIOR, 2006).

Dessa forma, acredita-se que nas imagens contemporâneas as preocupações estéticas se diferem dos padrões modernos, e que ao analisarmos o autorretrato contemporâneo teremos não apenas a representação do sujeito líquido, mas também das tendências fotográficas que o inspiram. Para Flusser (2002), a verdadeira fotografia é justamente a que consegue superar a divisão da cultura entre tecnologia e arte, constituindo-se em um denominador comum entre conhecimento científico, experiência artística e vivência política.

Com a manipulação fotográfica, as identidades se modificam e nesse processo as memórias são substituídas por outras. O indivíduo contemporâneo passa a ser seu



próprio produtor. Na cultura protética, o indivíduo ultrapassa o estágio do espelho de autoconhecimento (estágio laciano), de reflexão do ser, para alcançar sua extensão, mais uma analogia à reflexão de Barthes (1984) sobre “o advento do eu como outro”.

A extensão do sujeito possibilitada pelas próteses perceptuais do digital cria uma autoidentidade que não é mais definida pelo édito “Penso, logo existo” (Descartes) ou pela sua extensão no contexto do sujeito moderno “Sou visto, logo existo”; ao invés disso, é constituído em relação a “Eu posso, logo sou”. Ou seja, o “Penso, logo existo” é, segundo Lury (1998), estático e redutor; já o “Posso, logo sou” indica uma constante mudança do ser. Na extensão mediada da capacidade, as relações entre consciência, memória e corpo, definem o indivíduo que se modifica com uma personalidade que está sendo montada e desmontada experimentalmente.

Assim, para Lury (1998), a finalidade dessa nova visualidade é produzir imagens perturbadoras que desafiam e subvertem os modelos previamente estabelecidos. Portanto, as produções contemporâneas se diferenciam das produções analógicas em virtude de hoje se viver uma crise decorrente do esgotamento das artes plásticas tradicionais e, ao mesmo tempo, de se tratar de um momento tecnológico na produção de imagens, no qual há a predominância da fotografia digital. As distinções na maneira de entender as noções de realidade, representação e narrativa, assim como a complexidade da concepção de liberdade e prazer influenciam na relação que se estabelece com essa nova visualidade.

A contemporaneidade vive o princípio da diversidade, da construção infinita e contínua das identidades. Desse modo, é possível identificar a individualidade não mais pelos aspectos que a caracterizavam anteriormente; como uma personalidade fixa, imutável, algo além da vontade do próprio indivíduo. Ao invés disso, cada vez mais, as pessoas são vistas como responsáveis por suas decisões e por quem são. Podemos dizer, então, que os indivíduos estão tomando decisões estratégicas ou técnicas para se autoconstruírem. Tal discurso caminha paralelamente ao de identidade plural e de identificação em progresso (HALL, 2003).

Na ótica desse autor, a concepção de identidade varia conforme o tempo e a sociedade na qual estão inseridos e o sujeito pós-moderno traz em si a idéia de descentramento, fragmentação, constante formação e transformação identitária. Bauman (2001) amplia esse pensamento ao afirmar que a identidade contemporânea tende a permanecer em fluxo, flexível e volátil, gerando uma consequência lógica para os sujeitos e seu cotidiano.



Nesse prisma, não é de surpreender que o conceito de autorretrato pareçaca vez menos claro. Há um movimento contemporâneo no qual os jovens pensam e decidem como suas imagens devem ser feitas. Por exemplo: pedem para alguém fotografá-los e se apropriam dessa imagem, trabalhando-as em programas de pós-edição e expondo-as em seus sites pessoais, como representações de si. Não interessa se o retratado foi quem capturou sua própria imagem, mas o simples fato desta imagem ter sido eleita para representá-lo socialmente.

Outra transgressão do conceito original de autorretrato recai sobre o fato de muitos trabalhos que utilizam a autoimagem objetivarem falar de figuras universais, não apenas do eu retratado, mas do eu e dos outros. Logo, o corpo do sujeito vira metáfora de um agente de expressão de uma ideia ou ação que vai além da sua existência pessoal.

Para Bauman (1998), vivemos hoje uma nova forma de individualismo, ou seja, um novo momento cultural, ou um retorno a um antigo liberalismo pessoal em um novo contexto tecnológico. Pertencemos um mundo visual e nele nos tornamos imagens de nós mesmos. Vivemos, pois, uma realidade visual e visualizada, uma era da imagem, dos símbolos e signos que se intensificam ao infinito com a Virada Digital. Isto representa um dos sinais de que a sociedade contemporânea é incentivada ao narcisismo, e nela os sujeitos não querem simplesmente ver seus reflexos, mas seus reflexos refletidos nos olhos dos outros.

As relações virtuais têm enriquecido a diversidade cultural em termos mundiais e, ao mesmo tempo, proporcionado a emergência de culturas locais, dando voz às comunidades, aos coletivos e aos indivíduos, ao possibilitar o compartilhamento de arquivos, ideias, sonhos e projetos. Portanto, podemos dizer que o virtual não é apenas espaço para exposição e compartilhamento das imagens usadas para uma autoconstrução; ele possibilita uma via de mão dupla entre processos criativos e interativos, de mútua influência entre produtor/expositor e receptor; ou seja, um processo contínuo e aberto.

Além disso, a realidade virtual e seu ritmo alucinante passam a influir decisivamente nas nossas subjetividades e nos nossos repertórios de imagem, inclusive da nossa subjetividade. Para Sibila (2003), com a cibercultura é instaurada uma situação na qual cada indivíduo está trespassado por várias subjetividades que se cruzam. A autora nos fala de “*upgrades* subjetivos”, isto é, modelos identitários efêmeros, ou subjetividades e identidades consumidas e descartadas rapidamente.



3. O autorretrato no Flickr:

Segundo Susan Murray (2008), o *Flickr* é um dos mais populares sites de compartilhamento grátis de imagens, no qual cada membro possui um espaço para arquivar e exibir álbuns, nos quais outros membros do *Flickr* podem ser identificados. Esse espaço faz parte de uma rede descentralizada de outras páginas pessoais, fato que ajuda na construção da comunidade, criando, assim, comunidades por meio de categorias, além de possibilitar que seus usuários façam notas de comentários ao discuti-las, construam listas de contato (pessoas que se inscrevem em sua página que serão avisadas a cada *upload*) e grupos (páginas voltadas para assuntos específicos, nas quais o álbum recebe contribuições dos seus membros).

No Flickr existem em média 15.226 comunidades classificadas como *Self – Portrait*, cuja grande maioria é composta por fotografias. Contudo, vale ressaltar, existem nesse conjunto alguns grupos que se propõem a exibir e discutir outras formas de representação de autorretrato, exemplo disso é a comunidade “*Drawing: Self-Portrait everyday*”⁴.

Por meio de grupos de interesse, que são construídas coletivamente por diversas imagens cujos *links* conectam estas às páginas pessoais de cada autor, o *Flickr* se tornou uma das poucas comunidades virtuais que elegeram a fotografia como linguagem e preocupação central, além de ser uma experiência colaborativa com a exposição de memórias compartilhadas.

Como mencionado, existem várias comunidades cuja preocupação e discussão principal seja o autorretrato, mas cada uma tem sua especificidade própria. O grupo “*This is me*”, por exemplo, se propõe a discutir *self-portraits* conceituais. A imagem a seguir⁵, produzida por um usuário que aderiu a essa proposta, recebeu 15 comentários na comunidade, todos respondidos pelo autor, e foi escolhida por sete pessoas como favorita na comunidade. Os comentários de forma geral respondiam às provocações contidas no texto que a contextualiza a experiência do autor:

⁴Desenhando: autorretratos todos os dias. A comunidade se identifica como um espaço para divulgar desenhos ou pinturas de autorretrato, mas que fotografias são proibidas.

⁵<http://www.flickr.com/photos/59485622@N04/5828519064/in/pool-70457860@N00/>



Figura 1: “Self: Watch”

“Este é um auto-retrato que eu usei para mostrar às pessoas o tipo de coisa que eu tinha em mente para um projeto de fotografia que realizei na Polônia em 2006. Eu comecei no inverno, quando as temperaturas diárias eram de menos 15 para menos 30 graus Celsius e tudo estava branco de neve. E eu terminei o projeto no verão quando as temperaturas eram de 30 graus Celsius positivos e a pequena sala com paredes cor de laranja brilhante que eu estava usando para um estúdio no 3º andar de um bloco de apartamentos estava incrivelmente quente. As luzes do estúdio adicionado ao calor e dessa forma o projeto foi realmente baseado no princípio do yin e yang onde as estações estão em causa. Fiz a todos a mesma pergunta. "Qual é seu bem mais precioso e por quê?" O exemplo que eu dei foi o meu relógio que representa o amor da família, porque meus pais compraram-lo para o meu aniversário de 21 anos. Em termos monetários, não tem grande valor, mas me é muito caro. O relógio simboliza também o tempo, que é um conceito profundamente fascinante. De certa forma nos apressa a correr nossas vidas cotidianas – muitas vezes somos escravos do tempo. E ainda, num nível mais profundo, há sempre apenas um momento, é aqui e agora constantemente. Quando tentamos compreender o presente, começamos a entender que o tempo em si é apenas um conceito imaginário não mais sólido do que este relógio [...] Num nível mais profundo é possível entender que não há relógio. O que parece ser um relógio é uma manifestação temporária da forma que dá a aparência de que é conhecido como um relógio. E é interessante para refletir como todas as formas são assim. Toda forma é vazia de existência inerente. Por esta razão, eu suspeitava que o verdadeiro valor deve ser sempre além da forma, embora eu não tenha contado a ninguém isso no momento. E os mais verdadeiros conceitos humanos além da forma são amor e a compaixão. Eu sugiro que isso simplesmente porque o amor ea compaixão surgem naturalmente quando nos encontramos em harmonia com a natureza [...].

O texto que acompanha a fotografia traz questões enfrentadas pelo fotógrafo no seu íntimo, mas que de certa forma reflete uma condição humana. Segundo Reinaldo

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!



(2009) não é mais possível, depois d’**As Meninas** de Velázquez, apreciar uma imagem sem pensar sobre quem está retratando e quem está sendo retratado e sobre o papel do fruidor nessa *mise-en-scène*. Para a autora, ao fotografarmos um personagem é composto performaticamente, e assim, seu figurino e seus movimentos transferem seus expectadores para a obra escondida sob a aparência do outro.

Segundo Murray (2008), o *Flickr* possibilita que experimentamos uma mudança na forma de nos relacionarmos com as imagens cotidianas, iniciando um movimento em direção ao desenvolvimento de uma estética do compartilhado que não respeita a hierarquia entre amadores e profissionais.

Na imagem a seguir⁶, intitulada “Me” e exposta na comunidade “*Self-Portrait with câmeras reflected*”, parece evidenciar o constante diálogo existente entre uma produção amadora e profissional.



Figura 2: “Me”

A imagem recebeu oito comentários, todos respondidos pelo autor da foto, e escolhida por três pessoas como uma das suas favoritas da comunidade. Boa parte dos comentários se refere à técnica fotográfica e que o autor deveria considera - lá como uma verdadeira obra de arte, de modo que fica explícito que o fotógrafo não se considera como profissional, mas que recebe o apoio dos demais membros da comunidade para tal. O contato Nylc64 aponta que este é um autorretrato maravilhoso e que o estilo pessoal do autor se ressalta a cada foto, já o contato CBArreton faz o

⁶<http://www.flickr.com/photos/dennismorton/5885519530/in/pool-selfwithacamera/>



simples comentário: “Hello me. Hello artist!”⁷, aos quais o autor agradece mas afirma que ainda não tem certeza se já sente confiante o bastante para se chamar de artista.

4. Considerações Finais:

Mitchell (1992) trouxe para o discurso científico que lida com imagens e texto a expressão “virada pictórica” (*pictorial turn*), argumentando que as imagens ao nosso redor não só transformam o mundo e as identidades, mas têm um papel cada vez mais importante na construção da realidade social. Isto ressalta a necessidade de levar em conta as mudanças das circunstâncias históricas da produção imagética. Esta troca de circunstâncias determina que o instantâneo não deve ser compreendido como mera repetição e reciclagem de modelos passados; ele precisa lidar com novas questões advindas com o processo contemporâneo de negociação e contestação, da representação dos sentidos e do prazer.

Portanto, é necessário estudar a fotografia não apenas como objeto da construção das histórias pessoais, mas como material de especulação teórico-reflexiva que se articula e se confunde com algo em parte documental, em parte artístico, em parte ficcional. É preciso tomar a fotografia não somente como o objeto específico de estudo, mas como uma forma de discutir o fotográfico. Assim, o real passa a ser visto como uma construção social onde o que vale é a multiplicidade dos pontos de vista, vivências pessoais que agregam as representações dos meios comunicacionais com as da cultura e do popular.

5. Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. **A câmera clara**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós – modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid arts.Theory, Culture & Society**. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publication, v. 24, n.1, p.117-126, 2007.

FERNANDES JÚNIOR, Rubens. **Processos de Criação na Fotografia**: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. FACOM, n.16, 2 sem., 2006.

⁷ “Olá eu. Olá artista!”



FLUSSER, Vilém. **A filosofia da Caixa Preta**. . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications, 2003.

LURY, Celia. **Prosthetic Culture: photography, memory and identity**. London: Routledge, 1998.

MANOVICH, Lev. **The paradoxes of digital photography**, in L. Wells (ed) *The Photography Reader*. London: Routledge, 2003.

MITCHELL, W. J.T. **The reconfigured eye: visual truth in the post-photographic era**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1992.

MURRAY, Susan. Digital images, photo sharing, and our shifting notions of everyday aesthetics. **Journal of Visual Culture**, Sage Publications, 2008.

REINALDO. Gabriela. **Imagem e Palavra: retrato e biografia na constituição do sujeito**. Compós, Porto Alegre, 2011.

SIBILIA, Paula. A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/ privado. **Intercom** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinsres da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - BH/MG - 2 a 6 set, 2003.